

# Das contingências do amor

A proposta desta exposição foi um convite ao atordoamento.

De início, por limitações de espaço e tempo, tivemos que abrir mão de pares como Tristão e Isolda, Abelardo e Heloísa, Ulisses e Penélope, Capitu e Bentinho, Dom Pedro e Inês de Castro, Rei Arthur e Guinevere, Anna Karenina e Vronsky, Dante e Beatriz, ou de um vasto universo de escritores que elegeram o amor e suas circunstâncias: Hilda Hilst, Pablo Neruda, Anna Akhmatova, Eugenio Montale, Marina Colasanti, Gustave Flaubert, Juan Gelman, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Camões, Lou Salomé, Affonso Romano de Sant'Anna, Mario Quintana, Manuel Bandeira, García Marquez, Cecília Meireles, Adélia Prado ... e outros, e outros e outros.

Mas, ainda assim, tentamos flagrar as contingências do Amor, na diversidade de estilos, linguagens, feições, abordagens, épocas.

Solitário, entre pares, em duetos, triângulos, quartetos, na juventude ou na velhice, na chegada ou na partida, na morte, no delírio da paixão, na delicadeza de um gesto, o Amor acontece, desacontece e se refaz, num permanente jogo de espelhos, promovendo deslocamentos, desencontros, sede, crença ou descrença. Deslizando no tempo, como hipótese, trégua, veneração, volúpia, expectativa, ruptura, sonho ou impossibilidade.

Atordoe-se você também.

**Dagmar Braga**

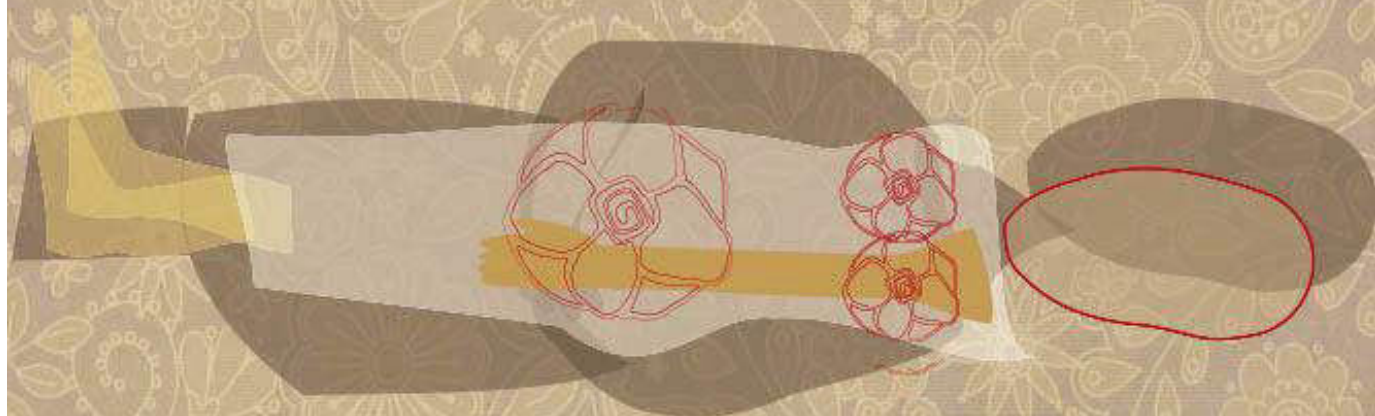
“Diadorim – nu de tudo. E ela disse:

- “A Deus dada. Pobrezinha...”

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor – e mercê peço: - mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coronha...

Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu soluzei meu desespero.

O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real.”



# Riobaldo e Diadorim

**Grande Sertão: Veredas**

**Guimarães Rosa (Brasil - 1908-1967)**

“Sábado, 14 de setembro

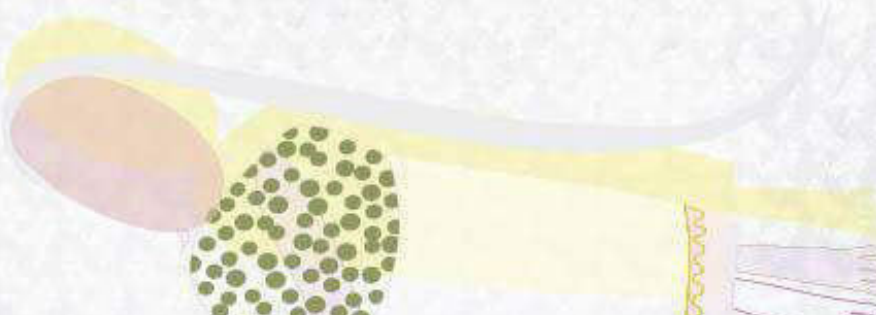
Apesar de tudo, a data de ontem não passou em vão. Hoje, em vários momentos do dia, pensei: “Cinquenta anos”, e minha alma desceu até os pés. Estive na frente do espelho e não pude evitar uma certa piedade, um pouco de comiseração por esse sujeito enrugado, de olhos cansados, que nunca chegou nem chegará a nada. O mais trágico não é ser medíocre, mas inconsciente dessa mediocridade; o mais trágico é ser medíocre e saber-se assim e não se conformar com esse destino que, por outro lado (isso é o pior), é de estrita justiça. Então, quando estava me olhando no espelho, apareceu sobre o meu ombro a cabeça de Avellaneda. Do sujeito enrugado, que nunca chegou nem chegará a nada, acenderam-se os olhos, e por duas horas e meia se esqueceu de que havia completado cinquenta anos.”



Laura Avellaneda e Martín Santomé

**A Trégua**

**Mario Benedetti (Uruguai - 1920-2009)**




“ROMEU - Só ri das cicatrizes quem ferida nunca sofreu no corpo.

*(Julieta aparece na janela.)*

Mas silêncio! Que luz se escoia agora da janela? Será Julieta o sol daquele oriente? Surge, formoso sol, e mata a lua cheia de inveja, que se mostra pálida e doente de tristeza, por ter visto que, como serva, és mais formosa que ela. Deixa, pois, de servi-la; ela é invejosa. (...)

Que se dera se ficassem lá no alto os olhos dela, e na sua cabeça os dois luzeiros? Suas faces nitentes deixariam corridas as estrelas, como o dia faz com a luz das candeias, e seus olhos tamanha luz no céu espalhariam, que os pássaros, despertos, cantariam. Vede como ela apoia o rosto à mão. Ah! se eu fosse uma luva dessa mão, para poder tocar naquela face!

(...)



JULIETA - Meu inimigo é apenas o teu nome.

Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome, e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteira.”

# Romeu e Julieta

**Romeu e Julieta -**

**William Shakespeare (Inglaterra - 1564-1616)**



“Hoje, meu amado, você tornou-se um objecto de nostalgia e o meu papel é de me recordar. Eu sei que a nossa memória é tudo o que nos resta, e que todos os nossos sofrimentos são bem mais fáceis de suportar se fizermos deles um conto ou se inventarmos sobre eles uma história para os maldizer. Agora, é o meu Outono, e eu sinto necessidade de uma interiorização que precipite o regresso às fontes, às profundezas da terra. E se lhe escrevo nesta ocasião, meu querido, é porque sei que já não me pode ler. Eu escrevo-me. Não para me desvendar, mas para tornar-me credível. Afinal, eu sei muito bem que são os olhares que deitamos sobre as coisas que lhes dão vida.”

Monique

# Monique e Alexis

**Monique**

**Luísa Coelho (Angola - 1954-)**



“É certo que te traí, mas não quis enganar-te. És daquelas que, por dever, escolhem sempre o caminho mais estreito e mais árduo. Conhecendo-te, não desejo, implorando tua piedade, dar-te um pretexto para te sacrificares uma vez mais. Não tendo podido viver segundo os preceitos da moral estabelecida, procuro, pelo menos, estar de acordo com a minha própria. No momento em que decidimos renegar todos os princípios, é conveniente que conservemos, no mínimo, os escrúpulos. Assumi para contigo compromissos imprudentes que deveria ter mantido por toda a vida. Peço-te humildemente, o mais humildemente possível, perdão, não por te deixar, mas por ter ficado tanto tempo.”

Alexis

# Monique e Alexis

**Alexis ou O Tratado do Vão Combate**  
**Marguerite Yourcenar (Bélgica - 1903-1987)**

“Aqui soltou D. Quixote um grande suspiro, e disse:

— Não poderei afirmar se a minha doce inimiga gosta, ou não, de que o mundo saiba que eu a sirvo. Só posso dizer, em resposta ao que tão respeitosamente se me pede, que o seu nome é Dulcinéia, sua pátria El Toboso, em lugar da Mancha; a sua qualidade há de ser, pelo menos, princesa, pois é rainha e senhora minha; sua formosura, sobre-humana, pois nela se realizam todos os impossíveis e quiméricos atributos de formosura, que os poetas dão às suas damas; seus cabelos são ouro; a sua testa campos elísios; suas sobrancelhas arcos celestes; seus olhos sóis; suas faces rosas; seus lábios corais; pérolas os seus dentes; alabastro o seu colo; mármore o seu peito; marfim as suas mãos; sua brancura neve; e as partes que à vista humana traz encobertas a honestidade são tais, segundo eu conjecturo, que só a discreta consideração pode encarecê-las, sem poder compará-las.”



# D. Quixote e Dulcinéia

**O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha -  
Miguel de Cervantes (Espanha - 1547-1616)**

## 2.A CHERUBINO

1.

Amante amado amando-te  
tenho lágrimas nos olhos  
e sal no meu palato  
mas não há hiato entre nós  
que somos  
calor calado no viver deixando  
e quando te olho  
vejo que és o sol  
e cor que muda convidando à perda  
no sulco que da ânsia se propaga.

2.

Lançadas as últimas flores  
achamo-lo branco  
este campo de germinações.  
Há sempre estações de pranto  
e estações em que o canto dos dias  
muda o passado congelado.  
E percorrer então os caminhos de musgo  
unidos nos vapores-sudários  
sabendo colher o sentido  
de um dia perdido.



**Hipóteses de Amor**  
**Annalisa Cima (Itália, 1941-)**





(1)  
**MISTÉRIO DE AMBOS, DE CADA CRIATURA.**

Como recebeu ela Adão?  
Despojou-o,  
e o deflorou, ajudando?

Adão, brutal ou terno?  
Acometeu, cervo  
ou foi penetrante andorinha?

Arrancou de si  
sementes, o coração  
latindo, cão grato?

Felizes, torturantes,  
aprendizes, falsos,  
sortílegos, infames?

Inteiraram-se um no outro?  
Desejaram a morte  
de quantos séculos?

# Adão e Eva

**Adão, Eva e o Mais**  
**António Osório (Portugal - 1933-)**

CYRANO

É que é a hora de abrir-te o coração!

Não de usar palavras delicadas  
mas de deixar que jorrem liberadas  
as incontidas águas da paixão.

Sejamos simples sob essas estrelas  
que pairam sobre nós perenemente.

As palavras mais simples são mais belas  
porque transmitem o que a pessoa sente

no mais fundo de si, mas mesmo elas  
não servem pra dizer inteiramente

deste amor que nasceu timidamente  
mas com a força do vento e das procelas!

Este amor que, a fugir da claridade,  
escondeu-se de todos, nas vielas,

escondeu-se nos becos, nas tavernas,  
e oculto te seguiu pela cidade,

numa manhã de maio das mais belas  
e soube reparar, no seu cuidado,

quando um dia mudaste o penteado  
e sobraçavas flores amarelas...

O coração batia, e era essa

a única fala desse amor que agora,  
nesta noite bendita se confessa.

E esta confissão te faz tremer!

Esperança tão grande eu nunca tive!

Agora eu sei pra que é que um homem vive.

E só me resta, porque o sei, morrer.

E é pelas palavras que te digo

que estremeces entre ramos azuis.

E hesitas, atraída por mim,

e essa tua mão feita de carne e luz

quer descer pelas ramas do jasmim.



# Cyrano e Roxane

**Cyrano de Bergerac**

**Edmond Rostand (França - 1868-1918)**

## EROS E PSIQUE

*...E assim vedes, meu irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.*

*(DO RITUAL DO GRAU DE MESTRE DO ÁTRIO NA ORDEM TEMPLÁRIA DE PORTUGAL,)*

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera,  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de herá.

Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado.  
Ele dela é ignorado,  
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino –  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E, vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra herá,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

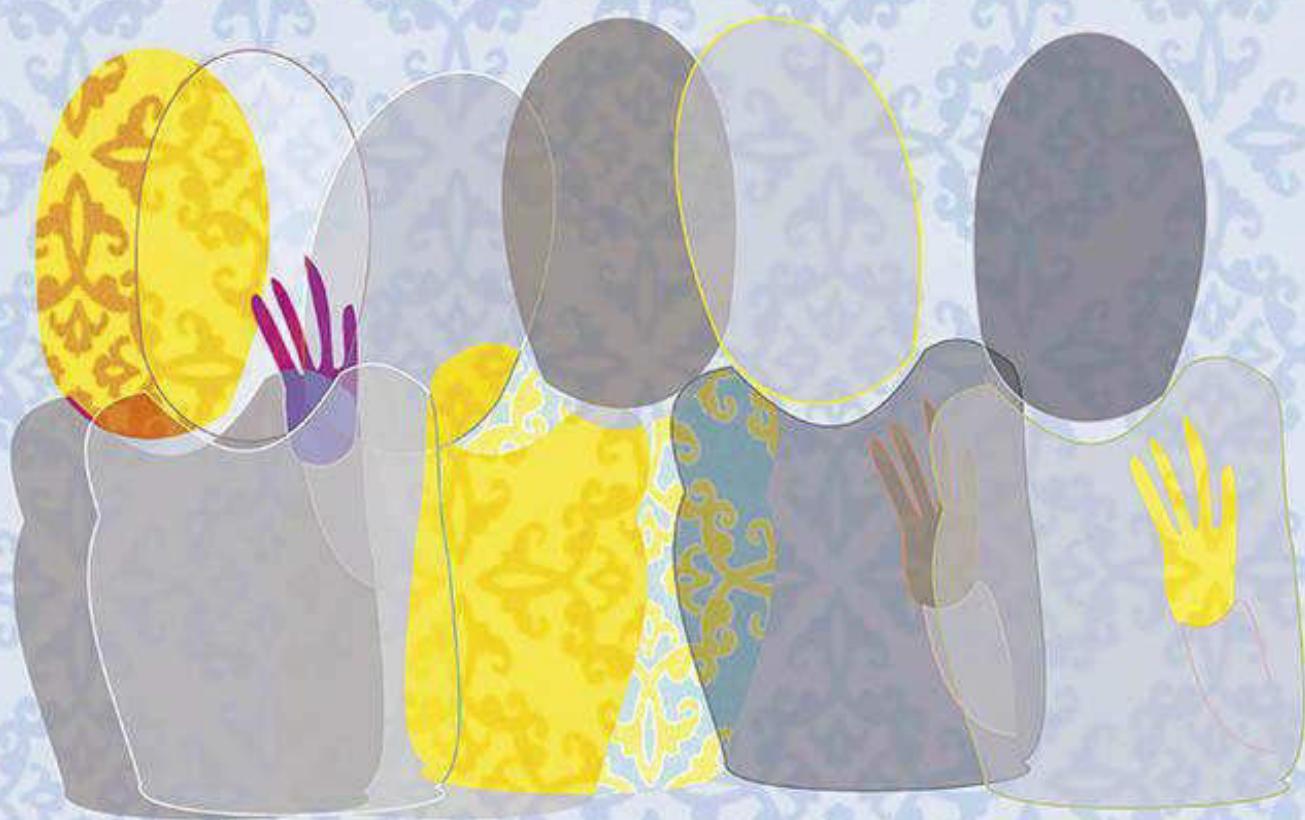


**Cancioneiro**

**Fernando Pessoa (Portugal – 1888-1935)**

Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo.

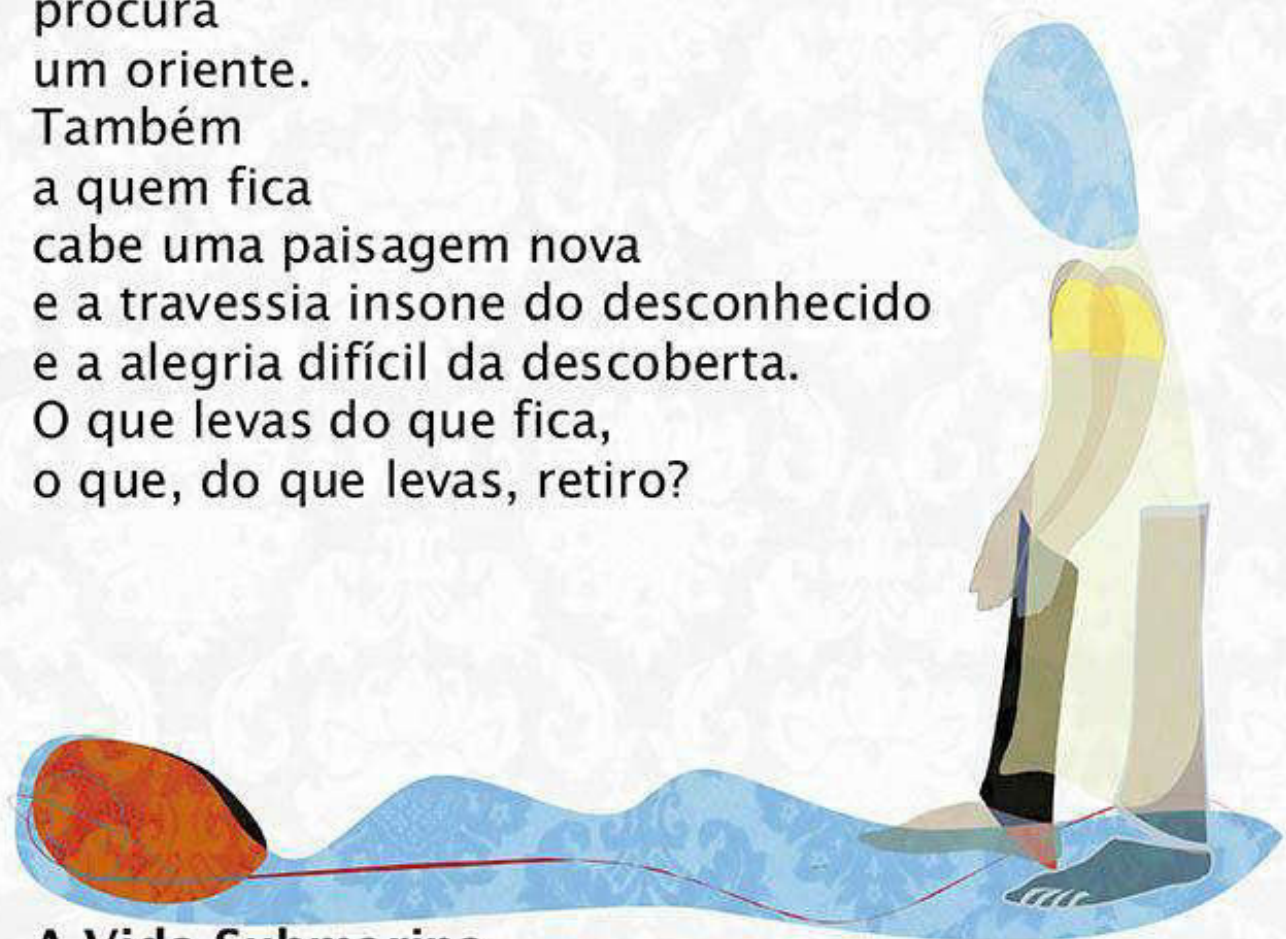
Mal de te amar neste lugar de imperfeição  
Onde tudo nos quebra e emudece  
Onde tudo nos mente e nos separa.



**Poemas Escolhidos**  
**Sophia de Mello Breyner Andresen (Portugal - 1919-2004)**

## A VIAGEM

Que coisas devo levar  
nesta viagem em que partes?  
As cartas de navegação só servem  
a quem fica.  
Com que mapas desvendar  
um continente  
que falta?  
Estrangeira do teu corpo  
tão comum  
quantas línguas aprender  
para calar-me?  
Também quem fica  
procura  
um oriente.  
Também  
a quem fica  
cabe uma paisagem nova  
e a travessia insone do desconhecido  
e a alegria difícil da descoberta.  
O que levas do que fica,  
o que, do que levas, retiro?



**A Vida Submarina**  
**Ana Martins Marques (Brasil - 1977-)**



## NAMORADOS NO MIRANTE (\*)

Eles eram mais antigos que o silêncio  
A perscrutar-se intimamente os sonhos  
Tal como duas súbitas estátuas  
Em que apenas o olhar restasse humano.  
Qualquer toque, por certo, desfaria  
Os seus corpos sem tempo em pura cinza.  
Remontavam às origens - a realidade  
Neles se fez, de substância, imagem.  
Dela a face era fria, a que o desejo  
Como um hictus, houvesse adormecido  
Dele apenas restava o eterno grito  
Da espécie - tudo mais tinha morrido.  
Caíam lentamente na voragem  
Como duas estrelas que gravitam  
Juntas para, depois, num grande abraço  
Rolarem pelo espaço e se perderem  
Transformadas no magma incandescente  
Que milênios mais tarde explode em amor  
E da matéria reproduz o tempo  
Nas galáxias da vida no infinito.

Eles eram mais antigos que o silêncio...

**Para Viver Um Grande Amor**  
**Vinicius de Moraes (Brasil - 1913-1980)**

*(\*) Feito para uma fotografia de Luís Carlos Barreto*

“Lembrei-me de ti, quando beijara teu rosto de homem. Devagar, devagar beijara, e quando chegara o momento de beijar teus olhos – lembrei-me de que então eu havia sentido o sal na minha boca, e que o sal de lágrimas nos teus olhos era o meu amor por ti. Mas o que mais me havia ligado em susto de amor, fora, no fundo do fundo do sal, tua substância insossa e inocente e infantil: ao meu beijo teu rosto era insosso e ocupado trabalho paciente de amor, era mulher tecendo um homem, assim como me havias tecido, neutro artesanato de vida.”



**Aprendendo a Viver – Imagens**  
**Clarice Lispector**  
**Clarice Lispector (Ucrânia / Brasil – 1920-1977)**

## ANTES QUE O TEMPO OS MUDASSE

Afligiram-se muito em sua separação.  
Eles não o queriam: foram as circunstâncias.  
Necessidades vitais fizeram um deles  
partir para longe - Nova York ou Canadá.  
Seu amor certamente não era o mesmo de antes;  
tinha enfraquecido gradualmente a atração,  
tinha enfraquecido muito a atração.  
Contudo, separar-se, eles não o queriam.  
Foram as circunstâncias.- Ou, talvez como um artista,  
apresentou-se o Destino separando-os agora;  
antes que se extinguisse o sentimento deles antes que o Tempo  
[os mudasse.  
Assim, um será para o outro, como se permanecesse sempre  
o belo rapaz de vinte e quatro anos.



**Poemas de K. Kaváfis**  
**Konstantinos Kaváfis (Egito - 1863-1933)**



## DESTRUIÇÃO

Os amantes se amam cruelmente  
e com se amarem tanto não se vêem.  
Um se beija no outro, refletido.  
Dois amantes que são? Dois inimigos.

Amantes são meninos estragados  
pelo mimo de amar: e não percebem  
quanto se pulverizam no enlaçar-se,  
e como o que era mundo volve a nada.

Nada, ninguém. Amor, puro fantasma  
Que os passeia de leve, assim a cobra  
se imprime na lembrança de seu trilho.

E eles quedam mordidos para sempre.  
Deixaram de existir, mas o existido  
continua a doer eternamente.



**Lição de Coisas**

**Carlos Drummond de Andrade (Brasil - 1902-1987)**

## VERSOS EM PROSA

"(...)

No princípio do amor a criatura humana se veste de cores mais vivas, blusas preciosas, íntimas peças escarlates, linhas sutis, sedas nupciais, transparências plásticas, véus de azul deserto, tonalidades de céu, de pedra, corolas de *nylon*, gineceus rendados, estames de prata, pecíolos de ouro, flor, é flor, flor que se contempla contemplada por dois olhos turvos no estio, claros na primavera, como os rios que passam. E se é o outono amando (vermelho) o inverno, tanto faz, e se é o inverno dando-se todo à primavera, pouco importa: é estio, é flor, é como o rio que passa sob o manto de barro que lhe cobre a nudez, como o cavalo em pânico, o menino perdido, o tempo, a doida cantando e a vida.

No princípio do amor o corpo da mulher é fruto sumarento, tronco silvestre de onde desce a doçura da resina, gamo que se ergue nas suas pernas esbeltas. No princípio do amor o corpo da mulher é como o cântico dos cânticos. É como a polpa do figo, fruto, fruto em sua nudez sumarenta, essencial. Pois tudo no mundo é uma nudez expectante sob o manto - tudo no mundo - e nada é uma nudez tão expectante como o corpo da mulher na orla do amor. Hoje sob o manto laranja, de rosa amanhã, violeta depois de amanhã, verde-limão na quinta-feira, ah, mulher, mulher, corpo de mulher, todo o cortejo vegetal do sábado, até quando cai a tarde no domingo.

Fruto na sombra: é noite. Em torno existirá um anel de luar: mas é noite, noite por dentro e por fora do fruto. Noite nas laranjas de ouro da serrania, nos seios dourados de Eliana, nos pêssegos crespos do vale. Noite nas vinhas que se embriagam de esperar. Sangue contido nas veias, périplo inviolável do sangue, nudez da carne em seu tecido indecifrável, orvalho sobre o cristal inconsútil dos frutos, ramagens despenteadas, recôncavos expectantes, inflorescência de pés apontando o firmamento, cinzeladas umbelas, estigmas altivos, é noite, é treva, é flor, é fruto, é espera, é noite.

Mas nos seios dourados de Eliana amanheceu."



## O Amor Acaba Paulo Mendes Campos (Brasil - 1922-1991)



“Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.

Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostando a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.

Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava três sentimentos bem distintos; um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

Loredano desejava; Álvaro amava; Peri adorava. O aventureiro daria a vida para gozar; o cavalheiro arrostaría a morte para merecer um olhar; o selvagem se mataria, se preciso fosse, só para fazer Cecília sorrir.

Entretanto nenhum desses três homens podia tocar a janela da moça, sem correr um risco iminente; e isto pela posição em que se achava o quarto de Cecília.”

# Cecília e Peri

**O Guarani**

**José de Alencar (Brasil - 1829-1877)**

*“E se non ho chi m’oda  
Parlo d’amore con me.”*

Se não tenho quem me ouça  
Falo de amor comigo.

**Bodas de Fígaro (1785-1786)  
Libreto dei Lorenzo da Ponte**



## VOCÊ ME AMAVA

Você me amava: as honestas mentiras  
pareciam na verdade ter raiz.

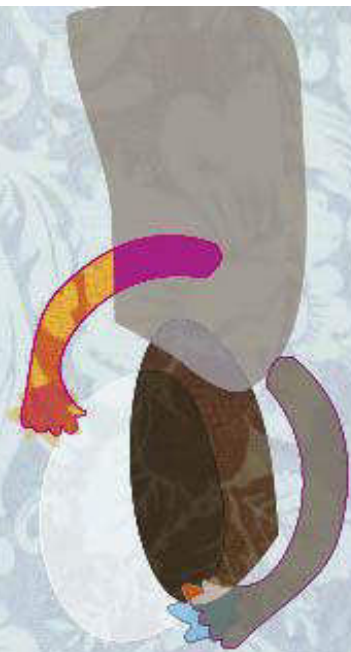
Maior que o tempo, que imenso, imensís-  
simo (eu cria) um tal amor que aspiras-

se ser tão grande quanto o meu ardor!

Então, sem mais, a mão abana, o amor  
se vai, respiro mal, mal digo a mim:

- Eis a verdade do início e do fim.

**Marina Tsvietáieva (Rússia - 1892-1941)**



Não tenho paz nem posso fazer guerra;  
Temo e espero e do ardor ao gelo passo  
E vôo para o céu e desço à terra;  
E nada aperto e todo o mundo abraço.

Prisão que nem se fecha ou se descerra,  
Nem me retém nem solta o duro laço,  
Entre livre e submissa esta alma erra,  
Nem é morto nem vivo o corpo lasso.

Vejo sem olhos, grito sem ter voz;  
E sonho perecer e ajuda imploro;  
A mim odeio e a outrem amo após.

Sustento-me de dor e rindo choro;  
A morte como a vida enfim deploro  
E neste estado sou, Dama, por Vós.



# Laura e Petrarca

**Poemas de Amor**

**Francesco Petrarca (Itália - 1304-1374)**

# Das contingências do amor

As exposições literárias itinerantes elaboradas pela Superintendência de Bibliotecas Públicas fazem parte do programa de incentivo à leitura da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais junto às bibliotecas públicas municipais. Cada mostra contém a síntese da obra de um autor ou extratos de um livro muito significativo na história da literatura ou ainda textos relacionados a um tema de interesse dos leitores da biblioteca pública. A estes as exposições são destinadas visando despertar, motivar ou renovar o prazer da leitura literária.

Curadoria: Dagmar Braga

Programação Visual: Daniella Penna

Governador do Estado de Minas Gerais: Antônio Anastasia

Secretário de Estado de Cultura: Washington Mello

Secretário-adjunto: Estevão Fiúza

Superintendente de Bibliotecas Públicas: Áurea Piacesi

Diretora de Ações de Incentivo à Leitura: Fabíola Farias

Apoio executivo: Ricardo Girundi

